2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

8.º ANNO. QUINTA FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1848. N.º 7.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Alvitre ácerca da colheita da Azeitona.

92 É sempre com o maior prazer que nós vemos que, nas columnas do nosso Jornal, se começa alguma questão pratica relativa á Agricultura.

A falta da instrucção agricola, e do principio da Associação, que tanto a devia auxiliar, só por taes questões se póde supprir.

Se mais vezes se não repetem, não é por falta de desejos nossos, nem porque não tenhamos, mais de uma vez, convidado os nossos Agricultores, para que nos communiquem quanto possa ser discutido com proveito para uma das tão fecundas fontes da nossa riqueza.

Uma carta, recebida de um nosso illustrado correspondente de Coimbra, nos veio suscitar novamente uma questão, já ventilada em o Tomo IV da serie anterior da Revista.

Antes de reproduzirmos o alvitre do nosso correspondente, faremos pelo esclarecer, e ao publico, do que a este respeito se escreveu no referido Tomo; e temos muita satisfação em poder provar, por este facto, o que muitos outros poderão demonstrar ácerca da importancia da collecção completa d'este Jornal, que, pela sua vasta e sabia collaboração, bem como pelo infinito numero de materias que sempre tractou, constitue uma Encyclopedia, em que os que mais prezarem o desinvolvimento dos nossos interesses economicos, encontrarão noticia de quanto desejarem saber, a respeito do que no paiz se tem passado, com referencia a esse assumpto, desde a fundação do Jornal.

Nos tres primeiros tomos da Revista por varias vezes se fallou n'este importante ramo da nossa Agricultura; mas no IV foi que se publicou uma discussão seguida, e com um thema bem definido.

Começou em o n.º 14 pelo artigo n.º 3536, com o titulo de — Olivaes, Azeitona e Azeite. — Este artigo era do Sr. Verissimo Alves Pereira, e apresenta muitos e novos alvitres sobre o cultivo da oliveira e sobre o fabrico do azeite; e convida as pessoas intendidas na materia para que tomem parte na questão, afim de que se não continue a lamentar que a colheita e fabrico da azeitona se façam ainda agora como ha seculos se faziam. Não tardou que o exemplo fosse seguido, e, em os n.os 27 e 28, um Lavrador de Traz-os-Montes tractou de impugnar alguns dos alvitres propostos pelo Sr. Alves Pereira. Seguiu-se, em n.º 32, o artigo n.º 3952, do mui distincto agronomo o Sr. Fernando da Costa Cardoso Pacheco e Ornellas, o qual corroborava as opiniões do Sr. Alves Pereira. Em o n.º 34 o auctor da discussão veio novamente ampliar os seus alvitres em o artigo n.º 4016.

É isto quanto julgamos dever dizer, para que os nossos assignantes, a quem a materia interessa, se possam instruir de que procedeu o convite que na seguinte carta se faz, e o qual publicâmos com muito gosto, esperando que o resultado da experiencia, que ahi se indica, seja communicado ao publico por meio da Revista.

Eis-aqui a carta a qne nos estamos referindo:

Sr. Redactor. — Em 1845 ventilou-se na Revista uma questão ácerca da apanha da azeitona, e modo de fazer o azeite; querendo uns que o feito sem a azeitona ser salgada, nem demorada, e logo moida apenas apanhada, fosse o melhor — querendo outros que a não salgada, porém conservada, fosse a que melhor azeite dava — e querendo outros que a salgada, apertada na tulha, e n'ella muito tempo conservada, fosse a que produzia melhor e mais azeite. Tive a temeridade de emittir a minha opinião no assumpto com a unica mira no interesse publico; por ser este o meu unico fim, não respondi ainda ao meu antagonista, que atacou a minha opinião por não ser baseada em experiencias exactas, quando é certo que a de S. S.ª não se apoiava em melhores. Por diversos motivos tenho estado silencioso, e esperando alguma coisa positiva a tal respeito; porém, como ainda a não vi, rogo a V. que convide os proprietarios para que na colheita, que está á porta, façam as experiencias como vou expôr, se mais exactas as não conceberem; isto no caso que V. repute este objecto de interesse.

Do mesmo monte d'azeitona, do mesmo sitio e olivaes, ou muito bem misturada, tomem duas porções perfeitamente eguaes em peso ou volume; uma mandem-n'a d'ahi logo moer, e notem a qualidade do azeite que dá, e a sua quantidade; a outra salguem-

n'a sufficientemente, apertem-n'a em tulha separada, conservem-n'a n'ella quanto mais tempo melhor, depois de moida comparem o azeite em quantidade e qualidade com o da primeira porção — creio que a sua experiencia fica a coberto das objecções que lhe teem lançado em rosto. Publiquem tudo na Revista, como eu farei do resultado que obtiver das experiencias que hei-de fazer.

Um Curioso.

Exportação do Azeite.

93 Como no artigo importante, que ácerca do *Sesamo*, se publicou em o numero 2, se fazia uma referencia á exportação do nosso azeite, julgámos dever informar-nos a este respeito, por quanto nos pareceu inexacta a exportação que ahi se mencionava, e em consequencia das nossas averiguações obtivemos a seguinte:

Nota do Azeite exportado no anno economico de 1847 *a* 1848 *para*

	Almudes	Canadas
Abo	40	
Alagoas	20	
Bahia	7:154	7
Bombaim	20	
Bombatoque	31	
Canarias	1	6
Ceará	114	
Dublin	145	6
Genova	2	
Glasgow	28	
Gibraltar	9	
Hamburgo	7	
Havre	4	
Luiting	48	
Liverpool	14:799	9
Londres	955	9
Mantimentos	357	6
Maranhão	1:534	6
Marselha	6	
New-York	1.204	6
Pará	1:053	3
Pernambuco	4:162	
Rio Grande	631	6
Rio de Janeiro	7:191	6
Southampton	2	
Stockolmo	518	
Terra Nova	151	6
Total	40:252	4

Machinas de Vapor.

94 Em Inglaterra, um engenheiro acaba de fazer uma importante descoberta.

É facto sabido que nos systemas ordinarios de queimar o carvão de pedra por baixo das caldeiras de vapor, os gazes, que poderiam, pela combustão, gerar o vapor, não se aproveitam, e que parte do calorico é perdido pela chaminé.

O autor do novo forno tractou de não perder estes gazes. Para conseguir isto, dividiu a entrada do forno em duas partes, em dois tubos, que se communicam por suas extremidades. Estas duas partes são alternadamente cheias de carvão, que se incendêa, cada uma por sua vez, de modo que a que está acceza aquece o carvão contido na outra. O gaz, produsido por esta maneira, sahe e vae-se incendiar na parte superior do forno accezo. Logo que o carvão deste forno acabou de arder, accende-se o que está no outro, e enche-se novamente o forno que serviu para formar o gaz com um novo carvão. Este forno aquecido depois pelo outro produz gazes que vão arder no cimo do forno seu visinho, e augmentar assim o calorico.

Isto é, o inventor conseguiu alcançar, por meio de repartimentos no forno, gazes que se perdiam, e de que ao presente elle se aproveita, obtendo por este modo, e com a mesma quantidade de combustivel, maior porção de vapores.

Molestia das larangeiras.

COMMUNICAÇÃO VINDA DA ILHA DE S. MIGUEL.

(Carta.)

95 Sr. Redactor. — Por um amigo meu que em Setembro foi á ilha de S. Miguel, remetti a descripção da molestia, que n'estes ultimos 4 ou 5 annos, tem atacado os nossos pomares, e que ameaça-os com a sua total destruição, se não se achar remedio prompto a tão destruidora epidemia; em resposta recebi a inclusa descripção da maneira com que naquella ilha a combatem.

Seria muito para desejar, que o seu auctor tivesse sido mais explicito, e que principalmente dissesse, qual a proporção de arvores curadas por aquelle methodo com a das atacadas; mas assim mesmo imperfeita, julgo que será conveniente dar-lhe publicidade, para chamar a attenção dos nossos proprietarios sobre este assumpto que tanto os interessa.

Espero pois que V. julgando-o conveniente, queira publicar na Revista estas poucas linhas.

Lisboa 10 de Novembro de 1848. De V. etc.

Visconde de Fonte Arcada.

A molestia da lagrima é conhecida na ilha de S. Miguel ha muitos annos, talvez ha mais de 12; e pela descripção feita pelo Visconde de Fonte Arcada, é a mesma que nas visinhanças de Lisboa se diz ter atacado os pomares, e n'esta ilha tem arruinado e acabado um grande numero de arvores.

Varios teem sido os tractamentos postos em pratica para melhorar as arvores atacadas, assim como para prevenir a molestia; de todos o que mais tem aproveitado, e de que se tem conseguido melhorar algumas arvores, é pelo methodo seguinte.

A molestia ataca o tronco logo ao pé da raiz, e communica-se ás mesmas; outra vezes existe só nas raizes; consiste pois o tractamento em afastar a terra de roda do tronco, fazer-lhe como uma excavação debaixo do mesmo, de modo que fique um vão; rapa-se com as costas d'uma navalha a parte atacada para separar a podre e ficar no são. Tambem é con-

veniente afastar alguma terra de cima das raizes, e cortar alguma que esteja podre: quando as arvores estão fracas, e a molestia está muito adiantada, então é bom decotar as arvores, que rebentam com mais força, e criam ramos mais vigorosos, do que haviam de crear se se lhe conservasse toda a galhada: tambem é conveniente fazer uma cava de roda das raizes para lhe fazer como uma sangria, de maneira que cortando a cava as pontas e ramificações das raizes, no corte crescem novas raizesinhas que achando a terra em roda fofa naturalmeute hão de alimentar melhor a arvore, e dar-lhe novos succos: tambem costumamos semear tremoço em volta das larangeiras, sobretudo nas que estão em terrenos fracos, e enterra-se ou deixa-se sobre a terra quando principia a florecer: é um bom estrume vegetal, e nota-se que as arvores se dão muito bem com elle, e resistem melhor ás seccas do verão.

É este o methodo que melhores resultados tem appresentado; quanto ao modo de prevenir a molestia, é andar vigilante em vêr as larangeiras, e logo que appareça algum principio de molestia tractal-a como fica dito.

* * *

Ilha de S. Miguel 10 de
Setembro de 1848.

Remedio contra a Cholera.

96 O governo inglez recebeu do seu consul em Smyrna uma communicação importante, que consiste no descobrimento de um remedio infallivel contra a cholera.

Este remedio foi applicado a muitas pessoas, e a todas curou. A sua simplicidade é tão notavel que o seu bom exito parece extraordinario.

Metta-se o doente, até aos joelhos, em um vaso cheio de agua quente tanto quanto a mão a possa supportar, e lance-se-lhe dentro seis a sete punhados de sal. Isto feito e o doente na agua, comecem dois homens a esfregar-lhe fortemente as pernas pelo espaço de vinte minutos, ou meia hora. Durante este tempo a agua deve sempre conservar a sua primeira temperatura. Depois pratique-se uma sangria nas duas pernas, na veia por baixo do tornozello, e deixe-se correr o sangue dentro da agua o tempo que o doente podér supportar.

Feito isto, as funcções naturaes do coração retomam o seu curso, as caimbras e as dores desapparecem; — o doente deita-se em uma cama bem quente; — e póde-se ficar certo da sua cura.

Este modo de tractamento é baseado nos proprios principios da sciencia. Os mais habeis medicos teem conhecido que a morte pela cholera provém da separação do sôro ou parte salina do sangue, da fibrina. O sôro, sahindo pelas evacuações alvinas, deixa só a fibrina que se torna espessa, e coagula-se, tomando nas veias a consistencia do alcatrão. Já em Edimburgo se fizeram algumas experiencias felizes para restabelecer o fluido salino no sangue por meio de injecções de fortes dozes de sal e agua nas veias dos attacados da cholera: porém sendo esta operação extremamente delicada e perigosa, apenas póde ser praticada por facultativos habeis.

O resultado alcançado pelo novo processo é mais simples e mais seguro.

A proporção necessaria de materia salina é ministrada ao sangue por meio da absorpção ajudada pelas fortes fricções, e a perda do sangue, que o attacado soffre, allivia o organismo da quantidade de fibrina superabundante.

(Gazeta Medica de Paris).

Conservação do gado.

CACHEXIA AQUOSA, OU PODRIDÃO DAS OVELHAS.

1.º

97 Esta doença é conhecida no nosso paiz pelos nomes de *amarilha*, *marilha* e *lhuvia:* os primeiros vem por certo da côr da pelle, que se põe amarellada; o segundo da palavra hespanhola — *lhuvia* — chuva, porque a doença de que vamos fallar procede, quasi sempre, dos rebanhos andarem em pastos ainda rociados pela chuva, beberem as aguas d'estas, etc. — É mal de ha muito tempo notado; *Hippocrates* estudou-a nos bois e ovelhas, de que tirou luzes para as hydropesias da especie humana.

Em todos os paizes se tem esta molestia como uma das pragas que mais destroça este gado miudo.

Apparece indifferentemente nos climas frios e nos quentes, debaixo do céu frio e nebuloso da Inglaterra, assim como do ardente e secco do Egypto, depois da innundação periodica do Nilo. — Tem o caracter enzootico, ás vezes epizootico, nunca porém contagioso. Escolhe com preferencia as estações do inverno e outono, dá tambem na primavera, é porém rara no pino do verão. Procura mais as rezes franzinas e adoentadas, que as fortes e sadias.

Causas. — Os veterinarios e agricultores assignalam diversas causas, mas como principal d'esta enfermidade todos concordam que é a humidade tanto atmospherica como dos pastos; o frio tambem concorre, mas parece que por si só, isto é secco, não é capaz de a desafiar; pois nas provincias do Algarve, Estremadura e Alemtejo, onde o gado, como se sabe, passa os dias e as noites ao ar livre, esta doença menos o ataca, que na Beira e outras partes, onde é costume fechar o mesmo gado nas lojas: falla-se até de rebanhos haverem supportado o frio de 4° Réaumur, sem que lhes succedesse mal algum; por outra parte esta molestia, que todos os annos dá no Egypto, onde a temperatura é mais elevada que a nossa, não é por isso menos destruidora que nas outras partes. — Eu vi apparecer esta doença na villa de Torres-Vedras nos fins de Setembro de 1843: a temperatura ía quente bastante, mas de repente vieram tres ou quatro dias de cerração nebulosa, cahiu uma neblina tão fria e fina que repassava tudo: pois foi sufficiente isto para que o rebanho que pastava n'uma collina exposta ao norte apresentasse seis cabeças enfermas d'este mal.

Mas o que abre largo caminho ao conhecimento da marilha, são as experiencias de *Backwel*, agronomo inglez, sobre a influencia do ar humido na céva dos carneiros: este especulador, com o fim de avolumar as rezes e faze-las passar por bem gordas,

submettia-as, dias antes da venda, ao sereno, á humidade do ar, ou as deitava a um prado, tornado de proposito meio palustre; em resultado d'estas influencias as rezes enchiam, e pareciam refeitas e anafadas de muito tempo; mas note-se bem que esta gordura era, para nos servirmos da expressão vulgar, *balofa*, não era real, porque ella não augmentava, augmentava sim a aguadilha ou sorosidades do tecido branco (cellular) que existe debaixo da pelle, o qual turgido, como o póde ser uma esponja que se deita na agua, fazia com que esta alargasse e o corpo engrossasse. — As carnes participavam d'esta ficticia refeição, achavam-se mais tenras e cheias; mas será isto o resultado de nutrimento real dos musculos? — É mais para crer que antes o fosse da infiltração do tecido cellular, que entremeia as fibras dos orgãos. Acontece porém que se estas rezes, por assim dizer *sophisticadas*, não eram immediatamente chacinadas, ao bom estado de carnes que inculcavam seguia-se a amarilha, que acabava com ellas; e por isso o auctor, para não ver mallograda a sua industria, com prudencia as mandava para os talhos antes do fatal momento.

Os lanigeros são uma especie que nenhuma das outras domesticas iguala em preponderancia do systema absorvente e de fleugma, que é o seu producto: quem lhes vir a pequenez do coração, a tenuidade das arterias, a pouca densidade dos pulmões, os movimentos lerdos, o aspecto sombrio, apathico e estupido, a grande quantidade e dimensões das veias, e lymphaticos acompanhados da abundancia dos tecidos sorosos, convencer-se-ha d'esta verdade. Accresce que, como elles, nenhum animal domestico tem o sangue mais soroso nem menos vital: emquanto no cavallo e no boi um coalho d'este liquido deita de si um terço do seu volume de soro, no carneiro deita a metade; emquanto no cavallo o sangue gasta para coagular, ou para morrer, segundo alguns physiologistas, dezoito minutos, no carneiro morre ou coagula aos cinco minutos depois de extrahido.

Á vista d'estas considerações já se póde presumir quaes devem ser as molestias mais frequentes n'estes animaes: hão de sem duvida ser as adynamicas, as aquosas ou frias, emfim as do systema lymphatico-absorvente, porque é este o que prevalece a todos, e porque o estudo dos factos pathologicos diz-nos que o orgão mais activo ou mais dominante é sempre o que primeiro e com mais frequencia enferma na presença de uma causa morbida. Ora, se esta causa é de natureza tal que, vindo a incitar a acção do orgão, já exagerada, traz além d'isso uma quantidade de producto que engrossa a por elle fabricada, o equilibrio que devia existir entre este e os demais, já perturbado, acabará por se transtornar de todo, e desde então a molestia será mais do que frequente, será inevitavel. É o que succede aos lanigeros para o caso da amarilha: a sua pelle fina, e em alto gráu permeavel, facilmente se deixa atravessar pela agua vaporosa da atmosphera, a endosmose encaminha-a até ao tecido cellular sub-cutaneo, ao que occupa os intervallos das carnes, e mesmo ao que entremeia a massa d'ellas; por outro lado a que entrou com o ar inspirado nos pulmões penetra na torrente sanguinea, faz o sangue ainda mais aquoso do que naturalmente é, e depois vae filtrar no tecido cellular e nas sorosas, orgãos com quem tem a maior affinidade; as experiencias do sabio physiologista *Magendie*, com as quaes produzia á vontade hydropesias ficticias n'esta ou n'aquella sorosa por meio da injecção da agua nos vasos que lhes pertencem, abonam a possibilidade d'esta illação physiologica. — Eis-aqui as rasões por que a humidade do ar ou dos pastos se capitula primeira na ordem das causas da amarilha, porque nascendo de uma diathese humida ou lymphatica, aquella não póde deixar de a desenvolver, vindo, como se explicou, a augmentar tão directamente a agua do sangue. A amarilha pois tem sua séde no sangue, e provém de elle ter mais soro que crase; este estado é chamado *Hydrohemia*. Os bichos parasitas que n'esta doença dão nos pulmões e no figado são effeito e não causa; elles apparecem quando a molestia vae adiantada; coincidem, segundo se colhe dos trabalhos de *Gararret*, *Andral* e *Delafond* *, com a falta da albumina no sangue, e como elles são todos formados de albumina, ha fortes rasões para crer que elles provenham de uma formação espontanea d'este principio que a economia tende a expellir por aquelles orgãos, verdadeiros emunctorios que mantém com os rins a integridade da proporção dos elementos do sangue.

Contam-se como causas mais especiaes da amarilha, os rebanhos beberem as aguas muito frias e cruas da chuva no inverno, as que procedem do derretimento das neves, ou as que escorrem das estrumadas, ou as dormentes e podres das alagoas; o darlhes ruins alimentos de inverno, palhas com ferrugem, feno bolorento, e outras forragens alteradas, concorre para este mal; o gado não só se debilita e infeza com estes máus pensos, mas como ainda bem as neves não estão derretidas logo o soltam ao pasto; elle, sofrego e faminto, deita-se ás hervas ainda meias geladas, algumas podres e todas molhadas, e por este modo, já disposto com o máu tracto de inverno, adoece infallivelmente. Tambem desafia a molestia o abafamento das rezes em apriscos apertados, baixos de tecto e sem ar, onde as fecham nos dias tempestuosos e de noite; o gado assim junto sua e aquece, e como mal que tempera o tempo o lançam ao campo, *constipa-se* bebendo nos riachos da chuva, começando a inchar da amarilha.

J. I. Ferreira da Lapa, Lente da E. Veterinaria.

(Continúa.)

Receita para conhecer se os vinhos são misturados com agua.

98 A principal falsificação dos vinhos consiste, nas terras onde elles pagam direitos, em sobrecarrega-los de espirito de vinho, ou aguardente, para depois lhes poderem deitar agua.

Esta fraude é facil de conhecer pelo seguinte modo.

Os vinhos naturaes deixam geralmente um residuo

* Annaes de Chim. e Phys.

secco de 22 grammas; e os vinhos misturados com agua apenas dão 14 grammas do mesmo residuo.

Para se conhecer isto, tome-se uma porção de vinho não misturado, e outra de vinho suspeito, e lance-se, em cada um, uma pequena quantidade de chloro: junte-se mais oxalato de ammoniaco, que faz precipitar o residuo. Feito isto é facil conhecer-se o vinho falsificado.

Remedio contra o mormo.

99 O *Economist*, jornal inglez, diz que um medico de sua nação pertende ter descoberto remedio a esta terrivel enfermidade. Eis-aqui em que consiste este remedio. Dê-se tres ou quatro vezes por dia 150 gotas de tintura de iodo misturada em agua tirada da vasilha por onde elles costumam beber. Este tractamento deve durar por seis ou sete dias.

Modo facil de destruir as toupeiras.

100 Todos sabem o damno que estes animaes causam, porém nada ha mais facil para os matar. Como estes animaes gostam muito de nozes, não ha mais que collocar uma noz, que se tenha feito ferver em agua misturada com uma pouca de cicuta, na entrada do buraco. O cheiro da noz as attrahe, e a sua golodice nos livra d'este damninho animal.

PARTE LITTERARIA.

O NATAL.

(Meditação)

Regni ejus non erit finis.
Ev. de S. Lucas.

101 O peregrino, que, desde o berço até ao tumulo, anda pelo valle de lagrimas da vida, antes de vêr que os templos se vestem de lucto, e que só o symbolo do Supremo Sacrificio se alça sobre o altar, ouvirá os festivos sons dos sinos quebrarem o silencio da noite, e guiarem os fieis para os templos vestidos de galla, tendo um berço sobre o altar, coberto de flores, e envôlto em perfumes.

Antes de dois seculos, dois mil annos terão passado sobre o successo sempre vivo na memoria dos homens.

Meditemos sobre o Livro do Evangelho aberto ao pé d'esse berço.

Como os hebreus seguiam no deserto a Luz da Columna de Fogo, sigamos a Luz da Fé, que illuminou os Apostolos da Lei da paz.

Os barbaros não ameaçavam ainda devastar a soberba Roma, e já o nascimento de um pobre Filho da Judéa lhe annuncia que o seu poder findou.

A senhora do mundo, antes de expirar ébria de prazer, no meio do fogo dos incendios, e aterrada pelo estrepito das armas, sabe que nasceu o que não só terá de reinar nos seus dominios, como tambem no Mundo inteiro.

É grande para Roma o poder que se oppõe á nova Lei; mas se Cesar Augusto tem Herodes por um colosso, Deus o tem por um grão de areia que um sopro varre de sobre a terra.

¿Mas quem é este que abre para o mundo uma era nova?

A voz de Deus o disse á humilde descendente do grande e piedoso David: — «Este será grande, e será chamado Filho do Altissimo. . . . . . e o seu reino não terá fim.»

Ainda o Redemptor não é nascido, e já a pobre Virgem de Nazareth é saudada pela santidade da sua virtude, pela força da sua fé, com essa saudação angelical, que os labios da infancia balbuciam como a linguagem da fé, que sobre as aguas do mar se repete como uma esperança, e que no leito da extrema agonia é uma prece cheia de bençãos, que o peccador dirige á Mãe de Deus!

As lagrimas correm suavemente sobre o coração, quando se medita nos successos, que, ha tantos seculos, teem feito repetir por milhares de pessoas estas tão singellas e magestosas palavras: —

«Deus te salve, cheia de graça: O Senhor é comtigo: Benta és tu entre as mulheres.»

Antes da Virgem Mãe chegar a Bethlem, novamente se revela que não é nas grandezas da terra, que está a grandeza do Céu!

A Virgem, que, de perto do Monte Thabor, tinha sahido da cidade da tribu de Zabulon para as montanhas da Judéa, ahi annuncia, como Mãe do Filho Unigenito de Deus, o que ouvido então pela Santa mãe do Precursor, é hoje comprovado pelas gerações que nos precederam.

Não houve prophecia mais certa, nem palavras que mais fossem do Céu, do que estas: —

«A minha alma engrandece ao Senhor; e o meu espirito se alegrou em extremo em Deus, meu Salvador; . . . .

«Elle manifestou o poder do seu Braço: dissipou os que no fundo do seu coração firmavam altivos pensamentos!

«Encheu de bens os que tinham fome; e despediu vasios os que eram ricos!»

Quando a luz do relampago rasga as nuvens, quando o trovão some, no seu estampido, o labutar das cidades; quando a terra treme e se abre, a devoção converte taes palavras em uma fervente supplica, em que se implora a Mizericordia Divina.

Tão grandes e geraes são as recordações com que a memoria dos povos orna o berço do Redemptor!

Mas nem só por isto, o reinado de Jesus não terá fim.

O Salvador do mundo escolheu, para base da eternidade da Lei de amor, com que dotou os homens, a simplicidade da sua vida, que é uma licção pratica, unica e seguida da perfeição, que aproxima o homem do Céu.

Em nome do Imperio de Roma, o Governador da Syria faz alistar, por cidade, os habitantes da Judéa.

A Virgem e José de Galilêa, como filhos da tribu de David, chegam á cidade de Bethlem.

A hospitalidade, de que Vitruvio já nos dá noticia, como sendo praticada pelos gregos, era conhecida dos judeus.

Mas os forasteiros eram tantos, que não cabiam na cidade de David.

O Verbo, na sua primeira licção de humildade, ensinava aos homens que preferia a virtude dos pobres á corrupção dos ricos.

O Senhor do maior throno do Universo nasceu de noite, na estação mais agreste da Palestina, em uma poisada, verdadeiro symbolo da pobreza; e, depois de enfachado, foi, pela Virgem Mãe, reclinado no triste berço, que poderia ter o mais pobre pastor de toda a Judéa.

Á humildade se segue logo a mizericordia.

O Rei do Céu não communica aos grandes do mundo o comêço da sua vida da terra.

E a voz da misericordia sôa como uma esperança, como um premio, aos ouvidos dos que o trabalho faz vellar.

Os pastores, que revezavam entre si as vigilias da noite, para guardarem o seu rebanho, ouviram a voz de Deus, que lhes disse: — «. . . hoje vos nasceu na cidade de David, o Salvador, que é o Christo Senhor!

Foram dos pobres as primeiras adorações, que saudaram o Redemptor no berço.

O Pae havia-se lembrado dos filhos, e os filhos souberam ser gratos ao Pae.

A sciencia guiada pela estrella, que a prende ao Céu, veio, personificada nos Magos do Oriente, curvar-se ante o que é o Sabio dos Sabios.

Quarenta dias depois para que a encarnação do Verbo fosse completa, o filho da Virgem Maria cumpre a lei de Moysés, e vem a Jerusalem para ser offerecido ao Senhor.

A offerta é a que pagam os mais pobres habitantes da Judéa, e em logar do cordeiro de anno, que offereciam os mais abastados, a Mãe de Deus apenas offerece um par de pombos.

No Templo, como no Presepio, os pobres o conhecem e adoram.

Simeão, homem justo e desconhecido, que não tinha perdido a esperança da Redempção de Israel, apparece no Templo, e, tomando Jesus nos braços, diz que póde morrer, porque os seus olhos já viram o Salvador.

Uma pobre velha, debruçada para a cova, e que santamente vivia no Templo tambem, ao vêr o novo ramo da frondosa arvore de David, dá como cumpridas as esperanças de todos quantos desejavam o Redemptor.

Eis aqui a imagem da mansa e caridosa vida, que mal começava a alumiar o mundo com a luz da verdade, quando a quizeram cortar com o ferro que matou em Bethlem e seus arrabaldes 14 mil creanças, segundo o que consta da Lithurgia dos Ethiopios, e do Calendario dos Gregos.

Esta acção barbara e iniqua era digna só de Herodes, o Grande, que no governo da Galiléa foi accusado, perante os juizes; que commemorou a sua entrada em Jerusalem com o assassinio de Malichus, e que depois de nomeado em Roma Rei dos Judeos, mandou matar a sua primeira mulher e dois de seus filhos!

As suas pompas funebres contrastaram bem com a pobre vida do novo Rei, que não só a Judéa, mas toda a terra em breve ía reconhecer por Senhor.

A corôa e o sceptro de oiro eram o ornato de um cadaver. A liteira tambem de oiro, e toda crivada de diamantes, levava dentro só podridão. As differentes nações que representavam o grande exercito que a seguia, eram um cortejo de escravos, e aos 500 officiaes de sua caza, que levavam os perfumes, nem uma lagrima de saudade lhes cahia dos olhos.

A guerra, a vaidade e o dominio da força já tinham a esse tempo ante si a sepultura em que íam jazer.

O foragido do Egypto é que havia de pôr um sello eterno sobre essa sepultura.

O throno dos Cezares resplandecia como se fôra de diamante:

A aguia romana, poisada sobre o Capitolio, annuncia o descanço dos conquistadores do mundo:

Roma dorme no leito de oiro, coroada com os loiros ceifados nos combates pelas espadas de seus filhos:

E as lagrimas da escravidão correm pelas faces do povo do Senhor!

Este povo são todos os limpos de coração e puros da alma: são os que padecem porque lhes chamam escravos os que lhes devem chamar irmãos. A Judea padece a tribulação, que por toda a parte é o patrimonio do pobre.

Um imperador de Roma e um rei de Judea teem força para incendiar o mundo com o facho da guerra; mas não podem enxugar uma só de tantas lagrimas derramadas sobre os ferros.

E é então que o imperio da verdade começa, para nunca mais findar.

Salve, dia em que a Egreja recorda tão grande mysterio!

Tempo virá em que n'esse dia os homens, ajoelhados ante o altar em que jaz o berço do Redemptor, lavem nas aguas da penitencia o sangue de irmãos que ainda os mancha, e que por desventura nossa recorda a marca do primeiro homicida!

Então, ainda mais do que hoje, se reconhecerá a eternidade do reinado de Jesu Christo.

A vespera do Natal no reinado de Elrei D. Manuel.

NA proximidade do Natal os nossos leitores permittirão que das formosas e portuguezas paginas dos *Annaes de Elrei D. João III*, por Frei Luiz de Sousa, publicadas pelo Sr. Alexandre Herculano, extractemos a seguinte descripção de uma ceremonia, que assentava na piedade e religião dos nossos bons antepassados.

102 .... E como aguia que provoca os filhos a voar, quiz que assistisse com elle pessoalmente em huma cerimonia dos Reys seus antecessores, que se bem está já oje desuzada, mostra-nos o cuydado que tinhão de venerar com abstinencia publica a vespara do nacimento de Nosso Senhor Jesu Christo. Creo que não será desagradavel ao leytor, sequer por memoria do bom tempo da Corte portugueza. Escrevella-emos como a deixou lançada nos papeis de sua secretaria Antonio Carneyro pay de Pero d'Alcaçova Conde da Idanha. Onde diz que foy esta a primeyra em que o Principe assistio com elRey seu pay: e passou assi: Era vespara do santo dia de Natal anno de 1516: sahirão elRei e o Principe da guarda-roupa a horas de cea acompanhados do Duque de Bragança e dos Condes d'Odemira, de Villa-Nova, de Tarouca e de Borba. Estava a meza cuberta sobre hum estrado de dous degraos. Sentou-se elRey a ella, e o Principe ficou em pé sobre o estrado á mão direyta delRei no topo da meza: No primeyro degrao ficou o Duque e abayxo no chão os Condes. Veo logo a cansoada a elRey com Porteyros da camara, Reys d'armas, Arautos e Passavantes, Porteyro-mór, Mestre-sala, Veador e o Conde de Tarouca Mordomo-mór: o qual trazia a toalha, e a deu ao Principe: e o Principe tomando-a se poz de joelhos com ella nas mãos; e o Conde de Villa-Nova seu Camarreyro-mór lhe chegou uma almofada para os joelhos. E assi esteve o Principe até elRey beber, e se levantar a consoada, e então lhe tornou a tomar a toalha o Conde Mordomo-mór. Levantada a consoada delRey, veo a do Principe da mesma maneyra que viera a delRey, sem mais differença que trazer a toalha o Veador, o qual a deu ao Duque de Bragança que lha teve: E o Principe se deceu ao primeyro degrao do estrado, e ahi tomou a consoada: e acabando de consoar se tornou assíma ao primeyro logar: onde esteve sempre a pé: e sempre elRey o mandou cobrir. Veo despois a consoada do Duque e dos Condes que erão presentes, acompanhada de Porteyros de maça, Reys d'Armas, Arautos e Passavantes, Porteyro-mór, Mestre-sala e Veador somente (porque o Conde Mordomo-mór se passou aos Condes). E fizerão suas reverencias a elRey. Vinha a consoada do Duque diante da dos Condes com distancia de huma á outra de pouco mais de dous passos: Era o que a trazia hum fidalgo seu. E hum moço fidalgo do Duque levava em hum prato pequeno de servir huma toalha dobrada: a qual em chegando a consoada ao Duque tomou o seu Veador, e lha teve sem mais cerimonia que huma moderada inclinação de cabeça e corpo. Com a consoada do Duque nâó vinha agoa nem vinho: quando quiz beber, foy o seu copeiro á copa tomar o que sabia lhe avia de levar, acompanhado de hum porteyro e duas tochas. Mas com a dos Candes veo logo a agoa que avião de beber, e os que trazião consoada e agoa erão homens seus. Ouve mais outra differença, que o prato da consoada do Duque estava feito dentro na sala, e de junto da copa o tomou o seu fidalgo pera lho levar: e os criados dos Condes tomaram os pratos pera seus amos na varanda de fora, onde estavão as fruytas, e dali lhos levarão. Erão as mezas dos nossos Principes escolla de sobriedade pera seus vassallos: E por isso folgavão de comer de ordinario em publico.

Misericordia.

Beati misericordes
EVANG.

103 Tu és o mais lindo nome
Dos attributos de Deus,
Tu nos dás ligeiras azas
Para voarmos aos céus.

Tu fallas ao coração
Palavras de puro amor,

D'um amor só modelado
Pelo puro, do Senhor.

Tu levas o potentado
Á caza do homem pobre
E tu repetes, ao grande,
Que ser humilde é ser nobre.

Tu retratas a desgraça,
Com tal pincel, e tal côr
Que, dos peitos, o mais forte,
Abrandas; perde o vigor.

O innocente menino,
Pela mãe abandonado,
Por tuas mãos amorosas
É da morte arrebatado.

Do velho já pelos annos,
Pelas dores, consumido,
Tu não ouves indiff'rente
O doloroso gemido.

Ás dôres do coração
(Esse penar tão cruel),
Não succumbe o infeliz,
Defeso por teu broquel.

Horrores d'um hospital,
Contagio, pobreza, e morte,
É nada p'ra quem amor,
Para quem só Deus é norte.

Ao triste desventurado,
Que soffre, lá nas prisões,
Tu levas, Misericordia!
As tuas consolações.

Té na hora derradeira,
Ao infeliz padecente,
Contra a justiça do mundo
Tu és o astro luzente.

Ó nome, nome do céu!
Não és terrena invenção;
És o conforto dos homens,
És divina emanação.

Misericordia! que digo?
Attributo do meu Deus,
Que transportas a minh'alma,
E me levas pera os céus.

M. de P.

MACHINISTAS CONTEMPORANEOS.

I.

George Stephenson.

104 No dia 12 de Agosto do corrente anno falleceu no seu estabelecimento do condado de Derby, na Inglaterra, o celebre engenheiro inglez George Stephenson, que teve a gloria de construir, o primeiro, com bom exito, as machinas de vapor para os caminhos de ferro.

George Stephenson tinha nascido em Wylam, aldêa situada nas margens do Tyne, distante nove milhas de Newcastle, em Abril de 1801. Seu pae, simples operario das minas de carvão de pedra de Wylam, não pôde dar-lhe educação alguma. Em vez de ir ás escholas, a necessidade o obrigou logo desde a mais tenra infancia a trabalhar para ganhar a vida. Das minas de Wylam passou aos dezoito annos para as de Killingworth, que então pertenciam a Lord Ravensworth, onde foi residir, e esposou um pouco depois sua primeira mulher, da qual teve um unico filho, que é o celebre engenheiro em chefe da companhia de Londres e do Noroeste, Roberto Stephenson, actualmente membro da camara dos communs.

Foi durante a sua estada em Killingworth, que appareceram as suas primeiras disposições para a mechanica. Tendo-se-lhe quebrado o relogio, concebeu o projecto de o concertar, e conseguiu-o. Dahi por diante ficou sendo por assim dizer o relojoeiro da aldêa. Todas as suas horas de descanço eram dadas ao arranjo e concerto dos relogios.

Uma das machinas da mina, que servia ao esgotamento das aguas, repentinamente cessou de as extrahir. Nenhum dos empregados e engenheiros pôde descobrir a causa por que a machina não trabalhava. Stephenson examinou-a, pediu e obteve a permissão de a concertar; o que alcançou em breves dias, accrescentando-lhe ainda melhoramentos importantes. Os proprietarios da mina para o recompensarem o elevaram de simples operario a engenheiro, e o encarregaram de vigiar por aquella machina uma das mais importantes.

Não deixando nunca de satisfaser ás suas novas e mais serias occupações, o seu espirito investigador pôde imaginar e descobrir a lanterna de segurança ao mesmo tempo que o celebre chimico Sir Humphrey Davy. No proprio dia, 21 de Outubro de 1815, em que pela primeira vez se fazia a experiencia desta sua lanterna de segurança, recebeu o reverendo John Hodgson uma carta do seu amigo Sir Humphrey Davy em que lhe dava parte de haver descoberto a lanterna de segurança.

Em 1818, uma subscripção, que produsiu mil libras esterlinas, foi offerecida a George Stephenson, bem como uma peça de prata, as quaes lhe foram entregues no fim de um esplendido jantar dado em sua honra, em Newcastle.

Desta épocha em diante, Stephenson dedicou-se quasi exclusivamente ao problema, cuja solução immortalisará o seu nome.

Em 1804 a machina de Trevethick e Vivian puchava as carruagens para Mertbyr-Igdvil com uma velocidade de cinco milhas por ora: em 1811 e 1812, Blenkinsop e Chapman construiram uma nova machina, que não andou. Já em 1814, antes da sua descoberta da lanterna de segurança, Stephenson tinha construido uma machina destas para as minas de Killingworth, que foi empregada no caminho de ferro da companhia; que elle substituiu pouco depois por outra, que lhe era superior, e conforme o pedido do primeiro engenheiro daquelle caminho.

Estes trabalhos eram apenas tentativas. Dez annos ainda haviam de passar antes que uma verdadeira locomotiva, similhante ás que hoje servem, porém mais imperfeitas, rodasse nos caminhos de ferro. Esta

grande revolução, cujas consequencias teem sido tão grandiosas, e de que a mais atrevida imaginação não poderia prever os resultados futuros, deve-a a Inglaterra, ou por melhor dizer o mundo inteiro, a George Stephenson.

Em 1824 fundou este celebre engenheiro em Newcastle, juntamente com os machinistas Pease, Longridge e seu filho, um vasto estabelecimento para a construcção das machinas de vapor, que existe e prospera ainda hoje sob a firma Roberto Stephenson & C.ª Foi neste estabelecimento que se construiu a primeira locomotiva que serviu para transportar commodamente sobre os caminhos de ferro os passageiros e as mercadorias. Stephenson foi ao mesmo tempo o inventor e o constructor. Em 1825 teve a fortuna de a ver trabalhar com pleno exito no caminho de ferro entre Stokton e Darlington.

Apezar destas vantagens, Stephenson não se atrevia a proclamar alto todas as esperanças que elle havia concebido, com receio de que o reputassem louco. A seus amigos dizia que esperava conseguir uma velocidade de 20 milhas por hora, ao mesmo passo que imaginava uma velocidade ainda maior, de 50 a 100 milhas.

Ha apenas um anno que George Stephenson, em um discurso, em Newcastle n'um jantar publico, dizia: —

«Em Liverpool, eu me obriguei a alcançar uma «velocidade de 10 milhas por hora; não duvidando «com tudo de poder obter ainda maior velocidade. «— Exprimia-me assim perante uma commissão de «inquerito nomeada pelo parlamento. Alguns dos da «commissão perguntaram se eu era estrangeiro, e «um desejou saber dos seus collegas se eu tinha per- «dido a razão. Não deixei comtudo de persistir nos «meus projectos, e sahi levando os meus desenhos, «decidido a pôl-os em execução.»

A reputação de Stephenson não data comtudo se não de 1823. Antes da edificação do caminho de ferro de Liverpool e Manchester era apenas conhecido de seus freguezes: porém tendo os directores deste caminho de ferro aberto um concurso para a construcção de uma machina de vapor, que lhes servisse de modêlo, George Stephenson ganhou o premio de 500 libras com a sua machina de vapor, o *Rocket*. Deste concurso proveio a sua gloria e a sua fortuna. Uma grande parte dos directores de caminhos de ferro, quer da Inglaterra quer do continente, o encarregou da construcção das suas locomotivas, que elle sempre satisfez com toda a perfeição.

George Stephenson vivia rico e honrado de todos no seu estabelecimento do condado de Derby, quando a morte o roubou ás artes e á sua patria, aos 68 annos de edade.

Moniteur Industriel.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

4 A 7 DE DEZEMBRO.

Diario n.º 288.

105 OFFICIO da Academia das Bellas-Artes participando ao Governo que as aulas nocturnas daquelle estabelecimento são frequentadas por 216 alumnos.

Autos de amortisação e queima, feitos pela Junta do Credito Publico de 73:416$000 réis em Notas do Banco de Lisboa.

Mappa da existencia e amortisação das Notas do Banco de Lisboa em relação ao capital de cinco mil contos.

Notas amortisadas até 3 de Novembro de 1848	1.003:965$600
Até 4 de Dezembro de 1848	67:416$000
Valor das Notas em circulação	3.928:648$400

Dito n.º 289.

Banco de Portugal 30 de Novembro.

Notas do Banco de Portugal em circulação	253:130$000
Depositos — moeda metalica	272:782$430
Numerario metalico em caixa	578:619$279
Prata além do dito numerario	9:475$200

Portaria mandando adoptar a bórdo dos vapores de guerra e mercantes nacionaes um systema de pharoes ou lanternas, para se evitarem os abalroamentos.

A importancia do imposto addiccional de 10 ou 6 por cento para amortisação das Notas do Banco de Lisboa, recebida desde 3 de Novembro ultimo até 4 de Dezembro corrente foi de 19:682$912 réis.

Dito n.º 290.

A receita dos cofres de Lisboa no mez de Novembro de 1848 foi de 417:596$827 réis.

A Liga.

106 ESTA Associação começou novamente as suas sessões.

Tracta de discutir os Estatutos.

A discussão revelará muitos dos seus defeitos, e talvez que em parte os não possa emendar, porque alguns são vicios de origem, que não se perdem com uma chrisma, como aconteceu com a denominação, que felizmente já deixou de ser um absurdo, porque em vez de — Liga Promotora dos interesses materiaes do paiz — passou a chamar-se — Liga Promotora dos interesses economicos do paiz. — Não sabemos se fomos nós que, pela primeira vez na imprensa, adoptámos esta substituição, e não o sabemos porque a questão da prioridade não val nada; mas o que é certo é que ha mais de um anno adoptámos como

systema substituir a phrase interesses materiaes por interesses economicos.

Ha um jornal em Lisboa que julgou a Liga perdida pela chrisma; sentimos que o mesmo jornal reservasse a peripecia da demonstração da impropriedade do novo termo para o numero seguinte; deixando-nos anciosos ácerca do que resolverá em tão importante questão.

Era bem util que juntamente com as *reputações panicas* acabassem estas phrases meias ditas, estas observações escriptas por metades, que muitas vezes parecem annunciar que uma grande idéa ficou escondida no tinteiro de certos escriptores, que especulam com estes equilibrios da sua vaidade, quando em verdade a tal idéa está tanto no tinteiro como nas cabeças dos censores encyclopedicos que a pretendem possuir.

O interesse principal da Liga, pede a verdade que se confesse, vae sendo substituido por outro. A nossa mocidade vê alli uma arena aberta e livre para a discussão; entrou n'essa arena, e os vôos do seu incontestavel talento ou os chistes da sua atilada graça prolongam mui agradavel e utilmente as quatro, ou cinco horas de uma discussão de Estatutos.

Da maneira como a Liga começou, se não fosse isto já estava morta; e nós, com magoa profunda, já teriamos escripto que estavam justificados os receios, por nós tão *reservadamente* manifestados em 10 de Outubro no artigo que escrevemos em o n.º 36 do antecedente volume. Dissemos *reservadamente*, porque acompanhámos as nossas observações com as mais escolhidas expressões de louvor, e tão suffocadas pelos elogios que mal se poderiam enxergar. Assim mesmo não foram bem acceitas por quem as devia refutar, se não concordava com a sua doutrina. Houve até a este respeito cousas tão *pequenas* que não lhes demos importancia, e por isso não nos lembram seguidamente para podermos informar os nossos leitores.

Esse artigo era a primeira advertencia que pela imprensa se dirigia á Liga: escrevemo-lo com pesar, e com pesar estamos ainda hoje, persuadidos de que as circumstancias não mudaram nenhuma das bases do nosso receio, e hoje reproduziriamos ainda tudo quanto então dissemos, com o mesmo consenso publico, com que aqui repetimos, que ainda ao presente *nos trabalhos da Liga ha uma precipitação tal, acompanhada de certa falta de assento para tão grandioso edificio, que estamos receosos ácerca do que acontecerá a tão louvaveis esforços.*

Francamente declaramos que — se alguem nos tem querido inculcar como inimigos da Liga — affirma o que não póde provar. Se os inimigos da Liga são os que a aconselham, então conta já contra si a maior parte da imprensa, porque se fomos os primeiros a dizer o que pensavamos em seu favor, e em seu desabono, não somos os unicos porque a imprensa de varios partidos tem concordado nas partes principaes do nosso receio.

A Liga como está, e como quer estar, não cabe no paiz. Se um dia pela imprensa, ou em publico houver quem repita a infundada accusação que occultamente se nos anda fazendo, mostraremos que o nosso silencio sobre muitos actos que se appresentam como da Liga, foi um serviço valioso feito a uma instituição que só pela infancia merecia desculpa para algumas das suas inconsiderações.

O jornalista tem deveres, mais uma vez o diremos, que são superiores ás conveniencias do socego da sua vida.

Não está longe o tempo em que havia um costume ácerca da critica theatral; a penna que enchia os cartazes copiava as variantes de um artigo, feito entre os bastidores: mandava-se com os annuncios para os jornaes, e se não havia acertado engano, apparecia no corpo do jornal, e nem sempre com a salva de communicado.

Estas recommendações e elogios fizeram fortuna; mas assim que a critica litteraria começou a balbuciar algumas phrases, começaram a ser apreciadas só pelo despreso que inspiram. Ora ha por ahi muita gente que pertende applicar aquelle commodo e innocente uso a tudo quanto é obra sua. Agarram-se aos jornalistas, e não os largam, com o peditorio de que lhe emprestem algumas columnas dos seus jornaes para cartazes das suas grandes invenções.

A imprensa em Portugal começou a conhecer a sua nobre missão, e só muito illudida se presta a estas especulações.

Nós applaudimos estas suas tendencias, que ha muito nos servem de guia em o nosso proceder. Por este lado talvez tenhamos sido inimigos dos que receiam que os olhos do publico se abram, para vêr o que está escondido nos idylios que lhe querem appresentar.

Se a supposição que se pertende fazer accreditar a nosso respeito, fosse d'esta natureza, dal-a-hiamos aqui mesmo como provada, porque serão muitas as vezes que nesse sentido escreveremos.

Acima de tudo estão o paiz e a consciencia do escriptor. Fóra d'estes interesses não conhecemos, nem queremos conhecer nenhuns outros.

As sessões seguintes da Liga promettem pelo menos uma brilhante discussão. E nós pelas disposições que observamos, temos a maior satisfação em suppor, que ou a Liga tenha de morrer ou não, os talentos que a começam a honrar hão de ter força e dominio bastante para que ella não fluctue, como até agora, em uma perfeita incerteza.

Communicação entre o mar das Antilhas e o Oceano.

107 Ninguem ignora os numerosos esforços tentados por companhias de differentes nações, e os estudos feitos pelos engenheiros d'estas companhias para o rompimento e canalisação do isthmo de Panamá: tudo tem sido baldado até o presente.

Comtudo, de uma parte da America, proxima do isthmo, onde se não tinham feito investigações, acaba de receber-se uma noticia singular, que, a ser verdadeira, resolverá um dos mais importantes problemas propostos entre as nações modernas.

Um medico francez, estabelecido em Vera-Paz, que reunia á sua clinica a administração agricola de vastas fazendas, mandando fazer excavações para abrir um canal que facilitasse a exportação dos generos até á beira-mar, descobriu no reconcavo do

golpho que se denomina de Honduras, a boca d'um canal monumental de 75 metros de largura, que se dirigia em linha recta para o sueste, com as paredes construidas de enormes pedras, grosseiramente apparelhadas. Parece que foram seguindo estes dois paredões, sempre parallelos, na extensão de muitas leguas.

Chegando ao pé das montanhas do volcão *del Fuego*, que se acha em actividade, depois de cortadas as arvores gigantes que obstruiam a entrada de uma abobada, acharam que tinha esta 100 metros de alto e largura egual ao restante do canal. Nenhuma das remotas construcções cyclopes da Grecia daria idéa do assombroso maçame das paredes da abobada: o canal estava cheio de agua salgada, com a profundidade de 20 metros.

O intrepido explorador não hesitou em se embarcar com alguns indios n'uma canôa lançada ao canal; e, se é verdade o que assevera, d'ahi a dezoito horas desembocava no grande Oceano entre Guatemala e São Salvador, sahindo de uma gruta immensa e natural, que os pescadores da costa chamavam *garganta do diabo*, e onde por superstição nunca se affoitaram a entrar. Toda a parte abobadada d'esta construcção, que parece superior ás forças humanas, recebe luz de enormes respiradoiros, que vem dar ao ar livre, e dizem ser navegavel em toda a sua extensão até para grandes navios.

M. Alexandre de Humboldt já tinha fallado de edificios americanos, que, por sua architectura, denotavam mui remota antiguidade e revelavam uma civilisação especial; porém as suas doutas descripções não dão indicios sequer da existencia de similhante monumento. Qual foi, pois, o povo numeroso que habitou aquellas regiões? — Confirmada a noticia, eis-ahi estabelecida a communicação maritima no centro de ambas as Americas e entre os dois hemispherios.

(El Espectador).

Sociedade promotora das industrias de Castello de Vide.

108 Temos a satisfação de annunciar aos nossos leitores que no dia 12 se installou esta sociedade, á qual concorreram muitas pessoas animadas do desejo de serem uteis ao seu paiz.

Cabe a gloria de se haver realisado este pensamento ao Sr. João José Lecocq, um dos mais instruidos agrónomos da nossa terra.

Esperâmos que noticias posteriores d'esta associação nos habilitem para lhe tecermos o louvor que merece.

Theatros.

109 Em S. Carlos voltou á scena a *Lucia*, a grande obra de Donizetti. Foi mal cantada, e o que mais admirou até pelo Sr. Volpini. A scena do cemiterio, com o que substituiram o esplendido castello de outr'ora, pareceu symbolisar o enterro d'esta grande opera no palco do nosso theatro. Os *Lombardos* vão ganhando os applausos que merecem.

Consta-nos que voltará á scena o *D. Paschoal*.

Parece que teremos breve a representação do *Achmet*, entrando as melhores partes da companhia e o novo barytono.

No Theatro de D. Maria II o beneficio do Sr. Theodorico esteve brilhante.

Brevemente teremos n'este theatro a representação de um drama baseado sobre o tragico acontecimento da Duqueza de Praslin, que em París teve um completo triumpho.

COMMERCIO.

110

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 14 DE DEZEMBRO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	8:380	400 a 540
Cevada	2:267	220 a 240
Milho	679	320 a 340

— Cereaes em 20 de Dezembro.

Trigo do reino rijo	de 320	a	400	réis a	bordo.
» » molle	de 400	a	470	»	»
» da ilha	de 330	a	370	»	»
Milho do reino	de 270	a	275	»	»
» da ilha	Não ha				
Cevada do reino	de 170	a	175	»	»
» da ilha	de 150	a	160	»	»
Centeio do reino	de 200	a	210	»	»

Os preços estão froixos, e compradores só os ha em pequenas partidas.

Os preços dos milhos em Liverpool teem baixado. Na Irlanda lib. 8 a lib. 8 e 10 sc. por tonelada.

O milho exportado pela barra de Vianna para Inglaterra e Irlanda de Outubro por diante orça-se em 6.000 moios, medida de Lisboa, aproximadamente no valor de 100 contos de réis.

— Na praça de Londres, foram, em 6 de Dezembro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		188	190	Por 100.
Consolidados	3 p. %	$87\frac{3}{4}$	$87\frac{7}{8}$	»
Redusidos	3 »	$86\frac{1}{2}$	$86\frac{5}{8}$	»
Fundos	$3\frac{1}{4}$ »	$86\frac{7}{8}$	87	»
Exchequer bills		41	44 março	Premio.
		38	41 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas	$4\frac{1}{2}$ »	70	73	Por 100.
Brasileiros	5 »	73	75	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	$11\frac{1}{2}$	12	»
Ditos	3 »	$24\frac{1}{2}$	25	»
Hollandezes	5 »	$72\frac{1}{4}$	73	»

Ditos	2	»	$47\frac{1}{2}$	48	»
Mexicanos	5	»	$21\frac{3}{8}$	$21\frac{5}{8}$	»
Portuguezes	4	»	24	25	»
Ditos consolid. 1841	—		$22\frac{1}{2}$	$23\frac{1}{2}$	»
Ditos divida interna	—		Sem preço.		—
Russos	5	»	100	103	»

—Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		$51\frac{3}{4}$	52	Por 1$000 rs.
Porto		$51\frac{3}{4}$	52	»
Rio de Janeiro		23	$23\frac{1}{2}$	»
Bahia		—	—	—
Amsterdam		12	$12\frac{1}{2}$	£
Hamburgo		$11\frac{1}{4}$	$11\frac{3}{4}$	»
Paris	25	40	45	»
Genova	26	10	20	»
Trieste	11	20	25	»
Vienna	11	18	20	»
Madrid	47	$47\frac{1}{4}$		Pezo.
Cadiz	$48\frac{1}{4}$	$48\frac{1}{2}$		»
Calcutta	21			Rs.
Bombaim	$21\frac{1}{2}$			»
Madras	21			»

—Generos em Londres em 6 de Dezembro.

Algodão de Pernambuco	$4\frac{3}{4}$	$5\frac{3}{4}$		£	Firme.
» do Maranhão	$4\frac{1}{8}$	$5\frac{1}{4}$		»	
» da Machina	$3\frac{1}{4}$	$4\frac{1}{4}$		»	
» da Bahia	$4\frac{3}{4}$	$5\frac{1}{4}$		»	
Assucar branco	37	42		112 £	Dito.
» mascavado	32	37		»	
Arroz do Brasil	7	6	13	»	Froixo.
» da India	7	6	13	»	
» de Java	7	6	13	»	
Café do Brasil	23	6	29	»	
» » lavado	30	49		»	
Cacáo »	28	30		»	
Couros seccos do Rio Grande	3	6		»	
» salgados »	2	$3\frac{1}{4}$		»	

Praça de Lisboa 20 *de Dezembro.*—Fundos publicos de 5 por cento, 45 a $45\frac{1}{2}$. Tem-se realisado bastantes vendas por estas cotações. = Acções do Banco de Portugal venderam-se por 475$000 réis, mas para este preço ha poucos vendedores. = Acções do Fundo de amortisação 45. = As vendas de cautellas da Companhia das Obras Publicas, a que nos referimos na semana anterior, realisaram-se a $3\frac{1}{2}$ e $3\frac{3}{4}$ e não a $2\frac{1}{2}$ e $2\frac{3}{4}$ como por equivoco ahi se disse. Hoje havia compradores a 3 por cento.

—Agio das Notas do Banco de Lisboa de 14 a 20 de Dezembro.

	Por moeda.	
	Compra.	Venda.
Dezembro 14	1$950	1$930
» 15	»	»
» 16	1$960	1$940
» 18	1$970	1$950
» 19	1$980	1$960
» 20	2$000	2$000

BIBLIOGRAPHIA.

111 *Hispanha Pittoresca, artistica e monumental*: seus costumes, seus usos, e seu trajar, por MM. Manuel de Cuendias, e V. de Féréal. Obra impressa com todo o luxo, contendo 100 vinhetas no texto, e 25 estampas tiradas á parte. Obra que deve ser lida. Publica-se em París aos livretes: 50 livretes por 40 centimos. Sahem dois livretes por semana.

Trajos da edade média, segundo os monumentos de arte, e manuscriptos contemporaneos: 2 volumes com 150 estampas coloridas com o maior esmero. Vende-se em París por 100 francos.

Monumentos de todos os povos, desenhados e descriptos segundo os documentos mais modernos, por Ernest Breton, membro da Sociedade dos Antiquarios em França.—2 grandes volumes com 150 estampas e um grande numero de vinhetas. Custa, em París, 60 francos.

Historia e trajos das ordens religiosas, civis e militares, pelo Abbade Tiron: 2 grandes volumes com 114 estampas coloridas. É o seu preço 70 francos em París.

Recordações de um cego, por Jacques Arago: 5.ª edição, com 25 grandes vinhetas e retratos, e 150 gravuras. Tem notas scientificas por M. F. Arago, e uma introducção de Jules Janin. Vende-se em París por 21 francos.

Statistica geral, methodica e completa da França, comparada com as outras grandes potencias da Europa, por J. M. Schnitzler.—4 volumes por 30 francos.

Todas estas seis recentes publicações se acham em París na Livraria Ethnographica. O correspondente d'esta livraria é, em Portugal, o Sr. Silva, na Praça de D. Pedro.

Expediente.

ESCRIPTORIO—RUA DOS FANQUEIROS N.º 82.

Correspondencia franca de porte—AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.º 8, e nas mais lojas em que se annunciar. A Empreza tem correspondentes em todos os Districtos do Reino, Ilhas, e nos Portos do Brazil.

A Redacção deste Jornal acceita e agradece qualquer noticia fidedigna e interessante que seja enviada.

Rogamos ás pessoas que tiverem *Prospectos* da REVISTA façam o favor de os remetterem ao Escriptorio d'este Jornal.

Agradecemos e será publicado o mui interessante artigo do Sr. R. Fernandes Thomaz ácerca das Considerações Geraes sobre a constituição geologica do alto Doiro, escriptas por José Pinto Coelho de Carvalho.